

PROJETO DE LEI N° , DE 2022
(Do Deputado Ubiratan SANDERSON)

Inscribe o nome do Imperial
Marinheiro Marcílio Dias no Livro dos
Heróis e Heroínas da Pátria.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Inscribe-se o nome do Imperial Marinheiro Marcílio Dias no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, Distrito Federal.

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.



JUSTIFICAÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio “herói” é o ser *extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade*. Nos acostumamos a ver retratado na arte em geral, mas principalmente no cinema, os momentos em que esse indivíduo dotado de coragem extrema entrega-se de forma abnegada à luta, muitas vezes à morte, para defender sua família, seu país ou a própria humanidade da forma que a conhecemos. Esses instantes ocorrem em uma ou duas vezes por geração, mas certamente não passam, nem devem passar despercebidos.

E um desses gloriosos momentos surgiu no dia 11 de junho de 1865. Sob o pano de fundo da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), o maior conflito já ocorrido na América do Sul, uma Força Naval brasileira subia o Rio Paraná. Sem estradas para transporte de ordens, munições e suprimentos na região da Bacia do Prata, o domínio dos rios era essencial para possibilitar a sustentação de todo o esforço de guerra. Assim, Solano Lopez, ditador paraguaio planeja e conduz uma emboscada com seus navios e artilharia em terra ao amanhecer, na Província de Corrientes. Uma das lutas mais sangrentas ocorreu na canhoneira Parnahyba, que era atacada por outros três navios simultaneamente, e já havia sido abordada por soldados inimigos, que tentavam de forma feroz tomar a embarcação brasileira. Na luta corpo a corpo, um jovem negro de origem humilde defendia a bandeira do Brasil, com a força e honra de todo o povo por ele representado naquele momento, este jovem era o Imperial Marinheiro de Primeira Classe Marcílio Dias.

Marcílio Dias, de avós vindos diretamente da Costa da África, nasceu em 1838, na cidade de Rio Grande-RS, com três irmãs mais velhas, era o caçula da Sra. Pulcena Dias, uma negra livre e viúva, que vivia em pobreza e humildade, porém com reconhecida felicidade que sua condição poderia lhe oferecer. Marcílio Dias crescia vendo a figura exemplar de sua mãe trabalhando com afinco e honra como lavadeira para sustento da família, porém o jovem envolvia-se por vezes em confusões que preocupavam sua mãe, levando-a a



aplicar diversas reprimendas como tentativa de educá-lo. Em 10 de janeiro de 1855, Pulcena Dias é injustamente, presa sob a acusação de introdução de moeda falsa, na angústia do cárcere, os fados, assim como os ventos, mudam. Suas antigas energias morais e físicas enfraquecem e cedem. Com o passar dos dias, as visitas do garoto Marcílio vão se tornando mais irregulares e espaçadas. Até que não mais recebe a visita o filho caçula, que segundo notícias que chegam a ela encontra-se na perdição das ruas e como mãe, sente-se profundamente desgostosa com a conduta do filho.

Em 11 de junho de 1855, após mais uma decisão do juiz de direito em culpá-la pelo crime de introduzir, dolosamente, moeda falsa, em circulação, Pulcena Dias chama ao presídio seu compadre Vicente da Silva Ramos. Após ouvir palavras de conforto e ânimo do amigo, ela, decidida e calma, solicita que o compadre encaminhe Marcílio Dias para os “menores” (como era conhecida a escola de Grumetes da Marinha do Brasil, localizada no Rio de Janeiro). E Vicente atende ao pedido de sua amiga. Quando o navio que levava Marcílio deixou o ancoradouro e fez a volta no canal para alcançar a barra do Rio Grande, duas mãos negras agitavam no ar dois lenços brancos. Eram suas irmãs Joaquina e Luiza Francisca. O navio, depois, seguiu para o Rio de Janeiro. Estava, então, Marcílio posto no caminho que o levaria à glória.

Aos 17 anos, em julho de 1855, Marcílio Dias ingressou na Armada Imperial como Grumete (Recruta), sendo Praça no Corpo de Imperiais Marinheiros em 5 de agosto do mesmo ano. Em 1858 regressa pela primeira e última vez a sua terra, quando sua inocente mãe, já liberta, contempla com admiração e alegria o jovem robusto e desenvolvido, observa-lhe o crescimento e a postura mudada de homem responsável. Os dias passam alegremente juntos a família e antigos amigos, e em 18 de janeiro regressa ao Rio de Janeiro, emocionados ambos, mãe e filho naquele que seriam seus últimos abraços e acenos mútuos.

Marcílio Dias é matriculado na Escola Prática de Artilharia, que só aceitava militares que soubessem ler e escrever, feito que Marcílio possuía e não era comum para alguém de sua origem humilde. Ele é então promovido a



Marinheiro de Segunda Classe. Logo após o curso, quando realiza uma viagem prática de instrução a bordo da Fragata Constituição, e do total de 38 (trinta e oito) alunos, somente 15 (quinze) são habilitados nos exames finais, sendo Marcílio um deles. Terminado os exames finais, ele embarca em 1863 na canhoneira a vapor Parnahyba.

No embrião da Guerra da Tríplice Aliança, a República Oriental do Uruguai encontrava-se em intenso conflito interno, inclusive com o uso de armas, o Império do Brasil então interveio com o uso de sua força. No cerco à cidade de Paissandu, aos fins de 1864, em uma atuação conjunta da Força Naval e de Forças Terrestres brasileiras, contra a cidade e sua Fortaleza. Após 52 horas de violento combate, a cidade é tomada, Marcilio Dias, um dos mais leoninamente corajosos combatentes, após demonstrar grande valentia na batalha, subiu ao alto da igreja central da cidade e fazendo tremular a bandeira brasileira e bradou “Vitória!”, em seu primeiro ato de bravura ante os importantes conflitos que participou.

Já no decorrer da Guerra da Tríplice Aliança, a Força Naval Brasileira subia o Rio Paraná, buscando manter o controle da Bacia do Prata e impedir a possibilidade do apoio logístico das forças paraguaias, Marcílio, cada vez mais se destacando por sua conduta extremamente corajosa em cada batalha e, no dia a dia, é surpreendido juntamente com toda a Força, pelo ataque paraguaio em meio às águas do rio na província de Corrientes, próximo à foz do arroio Riachuelo, que posteriormente deu nome a essa batalha. Sua Nau, a canhoneira a vapor Parnahyba, havia ficado isolada do restante dos navios e foi atacada por outros três, os inimigos subiram a bordo na tentativa de tomar a embarcação, Marcílio, então, travando violenta luta corpo a corpo com quatro inimigos, que tentavam tomar o pavilhão nacional, abate dois deles, tendo em seguida seu braço decepado na defesa da Bandeira do Brasil, cumprindo seu dever militar. Terminado o sangrento conflito, estendido nos conveses, corpos sem vida e feridos de Oficiais, Sargentos e Marinheiros que deram seu testemunho de sacrifício extremo pela futura Pátria do Cruzeiro. Marcílio não resiste aos profundos ferimentos sofridos que lhe causam a morte, com apenas 27



anos de idade, no dia seguinte. Foi sepultado, em 13 de junho de 1865, com as honras de cerimonial militar marítimo nas próprias águas do Rio Paraná.

Eis que escreve o Comandante de seu navio a respeito do Marinheiro:

“O Imperial Marinheiro de 1ª classe Marsilio (sic) Dias, que tanto se distinguiu nos ataques de Payssandu, imortalizou-se ainda nesse dia. Chefe do rodízio raiado, abandonou-o somente quando fomos abordados para sustentar braço a braço a luta do sabre com quatro paraguayos. Conseguiu matar dois, mas teve de sucumbir aos golpes dos outros dois. Seu corpo, crivado de horríveis cutiladas, foi por nós piedosamente recolhido, e só exalou o último suspiro ontem pelas 2 horas da tarde, havendo-se-lhe prestado os socorros de que se tornara a praça mais distinta da Parnahyba. Hoje, pelas 10 horas da manhã, foi sepultado com rigorosa formalidade no Rio Paraná, por não termos embarcação própria para conduzir seu cadáver à terra.”

A Batalha Naval do Riachuelo, entra para história como uma das principais que permitiram a vitória na sangrenta guerra. Juntamente com a Batalha, o heroísmo de Marcílio Dias, o Imperial Marinheiro de 1ª Classe que influenciou a todos os militares envolvidos na guerra, sua história publicada em diversos jornais da época fez crescer o sentimento genuíno de pertencimento à Pátria Brasileira, não só de militares, mas de todos os cidadãos brasileiros. Sua história é tão icônica que a Marinha do Brasil, rememora a todo tempo seu feito, em todos os 11 de junho desde então. Além disso, a Marinha já reconhece o herói, negro e gaúcho, tendo batizado diversos navios de guerra com seu nome a partir desta data, bem como o atual maior Hospital da Força, um dos maiores da América Latina, que fica sediado na cidade do Rio de Janeiro e chama-se Hospital Naval Marcílio Dias.

O menino negro, pobre e do interior do Rio Grande do Sul, que passou de jovem problemático, por seu mérito e esforço, galgando posições na respeitada Marinha do Brasil, até se tornar um herói nacional em batalha. Este vulto cultuado pelas Forças Armadas, resume em si, o papel de coragem, superação e abnegação que buscamos em nossos jovens. Por conta disso, este



Projeto de Lei busca prestar merecida e justa homenagem de escrever seu nome no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria, reconhecendo que qualquer homenagem, ainda é pouco para aqueles que deram seu sacrifício de vida no altar da liberdade de forma tão gloriosa por essa bandeira, esse povo e esse chão.

Sala das Sessões, de de 2022.

Ubiratan **SANDERSON**
Deputado Federal (PL/RS)



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Sanderson
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD222276831500>

